

Diálogo com o Inferno



É fato que nessa existência sonhos se realizam, e coisas impossíveis possam acontecer. Pelo menos isso tem se mostrado ao longo da minha vida. Da remota e faminta infância à solitária e escura adolescência.

Lembro-me como se fosse ontem, quando passava horas lendo jornais e livros, enquanto minha mãe se prostituía nas ruas para garantir nosso sustento. Sim, sabia que se prostituía, não tenho vergonha de falar sobre isso. Era tarde quando chegava em casa. Recebia-a com a mesa servida, a estufa ligada no banheiro nas frias madrugadas de inverno. Ela tomava seu banho, depois jantávamos, conversando sobre algumas matérias dos jornais.

Lembro tudo agora, pois me parece que cada uma dessas gotas que voam em direção ao meu rosto carrega uma memória...

Recordo o dia que prometi a ela, enquanto víamos um filme de esquiadores, numa tarde de domingo “ Um dia vai ver a neve, mãe, eu juro, um dia seremos nós a esquiar pela neve”. Ele como sempre sorriu, não seu sorriso mecânico, não, ela sorriu aquele sorriso secreto, aquele sorriso só meu. A bondade emanava da santidade e pureza de sua alma.

Meu fôlego começava a ceder, no entanto não poderia parar, minha palavra tinha sido dada, não iria desistir agora...

Cresci, minhas pernas se tornaram fortes o suficiente para me mover para fora de casa. Meu intelecto amadureceu. E para ela não foi surpresa quando lhe contei sobre minha vitória: primeiro lugar em medicina na federal. Chorou, riu, tudo de uma vez só. Dizia, enquanto me abraçava, que finalmente sua vida encontrara um sentido. Eu também chorava. Ela não sabia, mas a minha vida agora começava a enfrentar seu sentido.

Respirei, esfregava as mãos na tentativa que o sangue voltasse para ali. O frio era intenso. Fora e dentro de mim.

Foram-se dois anos. Trabalhava no hospital na época. Meu salário era regular. Ela não se prostituía mais. Eu estudava pela manhã, trabalhava durante a tarde e um pedaço da noite. Quando chegava em casa, a comida estava na mesa. Ela sorria enquanto me ajudava a tirar o paletó. Antes de dormir tomava banho, a estufa garantia a temperatura ideal da ducha. Talvez ela não soubesse, mas eu sorria enquanto a água removia o suor do meu corpo.

Ritmo retomado, gotas voavam, de todas as cores e aromas imagináveis. Meu braço cansado, entorpecia a cada movimento, ao contrário da minha mente, que despertava-se mais e mais a cada segundo.

Comecei a pensar em casamento quando me aproximei dos trinta. Uma colega da época de faculdade começou a trabalhar no mesmo consultório que eu. Não demorou muito para que tudo aquilo que senti no passado retornasse. Tudo aquilo que suprimi por causa da minha obrigação. Havia decidido: após a minha viagem no fim do ano pediria sua mão em casamento.

Sequei calmamente o suor do rosto. Parecia estar terminado meu serviço. O cenário, obviamente estava uma bagunça. Levantei-me e pela primeira vez observei aquilo que minhas mãos trabalharam.

Ela sorria igual a uma criança. Nunca havia entrado num aeroporto. Eu estava fazendo o check-in enquanto ela, curiosamente, rolava seus orbes azuis pelo ambiente. Ri com a cena, chamei-a para adentrarmos no avião. Os picos nos chamavam. Finalmente cumpriria minha promessa juvenil.

Guardei minha ferramenta na cintura. Juntei o que seria necessário, colocando em cima de um pedaço de lona. Com dificuldade embrulhei, colocando em seguida sobre o ombro. Parei. Deveria primeiro limpar a sujeira ali presente.

Realmente, a visão de cima dos picos era estupenda. Ela colava as mãos e o nariz na janela do avião. Eu sorria enquanto lia um livro qualquer. No corredor a aeromoça trazia champanhe e canapés franceses. Minha mãe agradeceu, deliciando-se com os luxos que aquela viagem nos propiciava.

Os orbes azuis me perscrutavam durante a limpeza do ambiente. Algumas vezes eu encarava. Ela não dizia nada. Não sorria também. Suspirei, terminando o que havia começado.

Turbulência. Gritos. Terror. Queda.

Caminhava lentamente com a lona nas costas. Na fogueira eles me aguardavam. Encasacados e tremendo. Tremendo muito, muito mais do que o frio pedia.

A discussão havia sido acirrada. Todos haviam visto o clássico do cinema. Não tínhamos comida, contávamos com pouco material que garantisse nossa sobrevivência. Foi quando uma moça de seus vinte e poucos anos, em tom de pilhéria, soltou o comentário. Os homens apenas a olharam. Não demorou para ela entender a realidade.

Preparei os objetos e fui espetando lentamente a carne na ferramenta improvisada, todos me observavam em silêncio.

- E quem será capaz de executar essa barbárie - protestou uma senhora
- E ainda, quem será capaz de alimentar-se de um ente querido?

Levantei-me. Todos me olharam.

A carne rolava na minha língua. O gosto da fumaça se fazia presente ali. Aos poucos comecei a mastigar, utilizando como força o peso de uma vida. Logo em seguida, os demais me seguiram.

Iríamos sobreviver.